

AGENCIAR MEMÓRIAS, ERIGIR UM BAIRRO

A PRODUÇÃO NARRATIVA SOBRE O CONJUNTO PALMEIRAS EM FORTALEZA (1991-2014)

Cristiano Rodrigues Rabelo

RESUMO

Este artigo propõe-se a analisar a relação entre grupos e sujeitos organizados no agenciamento de memórias na formação do bairro Conjunto Palmeiras, localizado na cidade de Fortaleza, no Ceará. Para refletir sobre esse processo, buscou-se discutir sobre a produção de três documentos que tiveram como foco principal as memórias locais. São eles: duas cartilhas de uma série, intitulada Memórias de nossas lutas e um livro autobiográfico, cujo autor, hoje, é diretor de uma instituição local, o banco Palmas. Os três fazem parte de momentos distintos da formação do Conjunto Palmeiras, evidenciando as possibilidades do uso da memória. Ou seja, é a expressão de como uma comunidade carente foi aprendendo a lidar e a utilizar a memória como instrumento para consolidar experiências que puderam ser comunicadas nacional e internacionalmente com a finalidade de atingir os seus objetivos. Diante disso, considera-se que a mobilização de recursos dos moradores para a constituição de narrativas na formação do bairro em que vivem é a forma que encontraram para consolidação de uma imagem deles próprios e do bairro, destacando, sobretudo, a capacidade de superação de suas dificuldades iniciais.

PALAVRAS-CHAVE: Agenciamento da memória. Narrativa. Conjunto Palmeiras. Cartilhas. Autobiografia.

ABSTRACT

This article proposes to analyze the relation between groups and subjects organized in the agency of memories in the formation of the neighborhood Conjunto Palmeiras, Located in the city of Fortaleza, Ceará. To reflect on this process, we sought to discuss the production of three documents that focused primarily on local memories. They are: two booklets of a series, entitled Memories of our struggles and an autobiographical book, whose author, today, is director of a local institution, the Palmas bank. The three are part of distinct moments of the formation of Conjunto Palmeiras, evidencing the possibilities of the use of memory. That is, it is the expression of how a needy community has been learning to deal with and to use memory as an instrument to consolidate experiences that could be communicated nationally and internationally in order to achieve its goals. Therefore, it is considered that the mobilization of resources of the residents for the constitution of narratives in the formation of the neighborhood in which they live is the way in which they found to consolidate an image of themselves and the neighborhood, highlighting, above all, the capacity of overcoming of their initial difficulties.

KEYWORDS: Memory management. Narrative. Conjunto Palmeiras. Booklets. Autobiography.

Oh palmeira acolhedora
tanta gente sofredora
em sua sombra vai cair morar
lá das praias e do sertão
negro, índio nosso irmão
vem de todo o Ceará
para junto levar
a cruz pra lutar
por água e luz para a palmeira brilhar

Manoel Evangelista de Brito ([200-?], p. 15).

INTRODUÇÃO

A poesia de seu Manoel, como é conhecido no Conjunto Palmeiras, revela a relação afetiva que tem com esse lugar que lhe acolheu após sair do sertão do Ceará. A “palmeira acolhedora” de que trata em seu poema é uma referência à grande quantidade de pessoas que passaram a viver no recente conjunto habitacional, criado na cidade de Fortaleza no ano de 1974. Denominado assim devido à grande quantidade da árvore na região, abrigou uma população, em sua maioria, carente de recursos financeiros, desse modo, impossibilitada de fixar residência em regiões de alta valorização imobiliária na capital cearense.

Nos seus versos, a “gente sofredora” veio de todo lugar, era diversa, índio, negro, sertanejos como ele próprio; juntos tiveram que levar a “cruz pra lutar por água e luz” a fim de que brilhasse. Seu Manoel, nessa estrofe, apresenta-nos algo que será primordialmente lembrando pelos moradores do bairro: a capacidade de se indignar frente às dificuldades impostas para viver e, sobretudo, a necessidade de perceber que a cruz levada deveria transformar-se em sede de lutar por melhores condições de vida.

O poeta chegou ao Conjunto Palmeiras em 1980, vindo do sertão de Quixadá para tentar sobreviver às adversidades que o interior do Nordeste impunha em tempos de estiagem. Nesse período, a organização popular do Conjunto Palmeiras se articulava em torno da cobrança por melhores e saudáveis condições de vida. Havia, de fato, a gestão de um sentimento de unidade em torno das necessidades

que aquela população vivia. Portanto, pode-se considerar que ele expressa um momento importante pelo qual passava a cidade de Fortaleza naquela segunda metade do século XX, cujo resultado foi a divisão espacial e social cada vez mais aguda.

Em Fortaleza, a expansão da cidade foi sentida negativamente entre aqueles que ocupavam áreas caras à reestruturação urbana que se operava naqueles tempos. Denominadas de favelas, sua formação se dava pela aglomeração de pessoas sem recursos suficientes para adquirir um imóvel. A alternativa era viver em locais, desordenadamente montados, para servir de lar para os que vinham fugidos das condições insalubres que a convivência com seca do interior do Estado os imputava. A realidade pode ser apreendida pelos dados da quantidade de pessoas que vinham para Fortaleza. Segundo tais números, entre 1960 e 1970, em virtude da migração, houve um crescimento de 222.796 pessoas, de acordo Souza (2009), tendo um aumento vegetativo de 135.119 pessoas.

O crescimento de Fortaleza se verifica, portanto, às expensas de uma alta participação de migrantes procedentes, na sua grande maioria, do interior do Estado. Constitui-se, principalmente, de uma população de baixa renda, que, chegando à cidade, contribui para a expansão das aglomerações na capital (SOUZA, 2009, p. 15).

As intervenções urbanas passam a ser noticiadas no Jornal Tribuna do Ceará¹ que estava ligado a um projeto político adequado aos setores que interessavam a noção desenvolvimentista para a cidade. As notícias veiculadas dão o tom de crítica ou elogio a cada obra planejada e inaugurada e mostra a concepção da Fortaleza que se desejava.

Fortaleza passou por uma transformação local, sob a administração operosa do Engenheiro José Walter Cavalcante, que exercendo a função em que foi indicado com raro equilíbrio e eficiência. Essa cidade despiu-se das roupagens provincianas, assumindo ares de metrópole progressista, já que seus mais importantes problemas

¹ Tribuna do Ceará, fundado em 1957, era um órgão das classes produtoras (criado com a finalidade de defender os interesses dos comerciantes) e fundado por José Afonso Sancho e Edson Queiróz. Fica claro na sua abordagem a sua vinculação aos aspectos econômicos.

urbanos foram quase totalmente solucionados. Até pouco tempo, a pavimentação das vias públicas era extremamente precária, à base de pedra tosca ou paralelepípedo de conservação difícil e rápida deterioração, dando aspecto deplorável à nossa urbes e criando sérias dificuldades ao tráfego (AO HOMEM..., 1971, p. 03).

Não à toa, o projeto de construção do Conjunto Palmeiras se revelou fértil nesse período. A relação entre reestruturação urbana e a necessidade de adequar as pessoas que ocupavam locais estratégicos à expansão urbana e comercial passou a ser gerida por meio do programa de desfavelamento de Fortaleza². Metodologicamente fazia parte da responsabilidade do programa a compra do terreno, a remoção, alocação das pessoas e o acompanhando à população nos conjuntos habitacionais, pois detinha o controle sobre as prestações que eram pagas e as vendas dos terrenos aos removidos³. No entanto, o Conjunto Palmeiras, diferente de outros projetos de conjuntos habitacionais feitos pelo programa, não foi precedido do mesmo planejamento para a implantação. Em 1974, devido à forte quadra chuvosa, muitos moradores de áreas de risco ficaram desabrigados. Isso acelerou a fundação, sendo necessário um rápido trabalho, em meio à mata, para abrir vias de acesso e delimitação dos primeiros lotes.

Esse fato é fundamental para que compreendamos as narrativas representadas sobre a vida e formação no Conjunto Palmeiras. Quando seu Manoel, por meio da sua arte, traz à tona uma lembrança sobre esses momentos vividos, representa, de forma narrativa um sentido que está afetivamente ligado à forma como constitui a sua relação com o local. Portanto, é uma forma de expressar de onde partiram e o que precisaram fazer para poder sobreviver no Conjunto Palmeiras frente às dificuldades que foram colocadas desde o seu início. Por isso, cabe compreender que esse discurso da memória está relacionado a uma defesa dessas experiências “pelo impulso de bloquear os sentidos que lhe escapam; não

² A Fundação de Serviço Social de Fortaleza, órgão da prefeitura, foi a responsável pela criação e implantação do programa. Na década de 1970 teve como projetos pilotos a construção de dois conjuntos habitacionais, o Rondon e o Alvorada. Após essa experiência, construiu-se o Conjunto Palmeiras.

³ A partir de 1974, muitas pessoas chegaram ao Conjunto Palmeiras que não eram removidos. A relação entre a venda de terrenos e ocupações era tênue.

só eles se articulam contra o esquecimento, mas também lutam por um significado que unifique a interpretação” (SARLO, 2007, p. 50).

A relação entre as dificuldades iniciais do Conjunto Palmeiras e as lutas empreendidas para superá-las é algo relativamente comum quando se fala do início da formação do local. E isso fica mais evidente à medida que, com o passar dos anos, notou-se que era necessário cada vez mais publicizar as experiências pelas quais o bairro passou no seu desenvolvimento. A memória, podemos afirmar, tornou-se, cada vez mais, um instrumento utilizado pelos moradores, como se, com o passar dos anos, percebessem a sua capacidade mobilizadora.

O Palmeira inteiro foi um bairro construído pelos moradores. Se um dia vocês forem a nossa sede, tem um banner lá gigante que diz assim: *Deus criou o mundo e nós construímos o Conjunto Palmeiras!* Aí tem a maquete do bairro hoje e as imagens de como era no passado. Primeira coisa que eu diria para vocês é isso. Um aspecto importante para o empreendedor social, para o desenvolvimento local, para o desenvolvimento sustentável é duas coisas. Primeiro a memória. Nossa maior felicidade do mundo é dizer que nós somos um banco, temos o privilégio que estamos aqui na Natura, na Semana do empreendedorismo, mas só tem sentido porque nós fomos uma favela gigantesca, nós guardamos com *muito orgulho* isso, ter sido uma favela que se transformou. Então preserva a memória, da empresa, do município, do bairro. Eu chego em milhões de comunidades e pergunto, [...] quem foi o primeiro presidente da associação de moradores, ninguém sabe, primeiro padre, primeiro pastor, ninguém sabe, perde a memória completamente. Se eu perguntar quem foi Pedro Álvares Cabral: “eu sei!” Olha lá, a gente só guarda a ideia, a memória que nos contam, a memória que está nos livros e nossa história nunca está nos livros. É identidade e memória (MELO, 2008, não paginado).

As palavras de João Joaquim de Melo Neto Segundo, hoje diretor do banco Palmas, empreendimento reconhecido nacional e internacionalmente, evidenciam que a memória não é apenas utilizada de modo espontâneo. Há, realmente, uma relação racional quando mobilizada, ainda que seja possível compreendê-la como um fenômeno intrínseco à mente humana. Os seus usos ou abusos (TODOROV, 2000) demonstram como os grupos se servem para legitimar ações, constituir ou criar identidades a partir de interesses políticos e /ou modelos de identificação

afetiva. Criam-se mecanismos para resistir às políticas governamentais que buscam suprimir a voz de seus inimigos, a exemplo de governos autoritários, como alerta o autor.

Exemplos de uma apropriação menos perfeita da memória são inúmeras, embora sejam conhecidos. "Toda a história do "Reich milenar" pode ser reinterpretada como uma guerra contra a memória" [...]. Os vestígios do que já existe ou são reprimidos ou fabricados e transformados; as mentiras e invenções tomam o lugar da realidade, buscar e difundir a verdade é proibido; qualquer meio é bom para alcançar este objetivo, os corpos dos campos de concentração são exumados para a queima e em seguida, espalha-se as cinzas, fotografias que, supostamente revelam a verdade, são habilmente manipuladas, a fim de evitar as memórias perturbadoras; a História é reescrita a cada mudança na tabela de liderança e convida os leitores da enciclopédia para remover essas páginas, convertendo-as em indesejadas (TODOROV, 2000, p. 11-12, tradução nossa).

Não à toa, a partir da década de 1990 a utilização da memória pelos grupos que viviam no Conjunto Palmeiras passou a ser cada vez mais frequente. Se sabiam, a princípio, da sua força de coesão, é algo que não podemos afirmar, mas, com certeza, aprenderam que a sua utilização serviria para legitimar a importância de suas ações, comunicando interna e externamente os momentos selecionados como relevantes aos interesses que estavam em jogo no momento da mobilização desses recursos. Sobre esse tipo de uso das memórias, Todorov (2000) afirma que é necessário tomar cuidado em relação a eles. Há uma linha tênue entre bons usos e maus usos que devem ser distinguidos ao ser analisados. Os maus usos, quando relacionados à vingança, devem ser interpretados com cuidado. Contudo, quando relacionado ao Conjunto Palmeiras, duas reflexões devem se somar ao alerta do autor. A primeira é acerca dos grupos responsáveis por essas narrativas. Isto é, como relacioná-los à necessidade de promoção das ações empreendidas no Conjunto Palmeiras? A segunda diz respeito à formação do bairro. Cabe questionar até que ponto essa memória serviu de instrumento para promover e reivindicar melhorias para o local, ou seja, a serviço do bairro.

Jelin (2002), através de sua obra *Los Trabajos de La Memória*, ajuda-nos a pensar esses grupos responsáveis por mobilizar a memória em torno de um projeto. Ela nomeia-os de empreendedores da memória, aqueles que se encarregam por um projeto que deseja resgatar e conservar, colocando-se pessoalmente nessa tarefa, mas também envolvendo outras pessoas, tornando esse empreendimento de caráter coletivo e remetendo-o a uma organização social ligada a um projeto de memória, gerando hierarquias sociais, mecanismos de controle e de divisão sob o comando desses empreendedores. Desse modo:

No campo em questão, o das memórias de um passado político recente de um cenário de conflito, há uma luta entre 'empreendedores da memória', que pretendem o reconhecimento social e de legitimidade política de uma (ou sua) versão ou narrativa do passado. E que se ocupam e se preocupam em manter visível e ativo a atenção social e política sobre seu empreendimento (JELIN, 2002, p. 49, tradução nossa).

No Conjunto Palmeiras, a mobilização de recursos para consolidar versões sobre a sua história perpassa a própria consolidação dos grupos organizados do bairro e articula-se coletivamente para o registro daquilo que os representavam identitariamente. Assim, três experiências em torno desses empreendedores podem ser elencadas para análise de como o uso da memória passou a ser cada vez mais utilizado por moradores na constituição de versões sobre o local. Duas delas se referem a uma série criada na década de 1990 sobre dois momentos selecionados para a composição das narrativas. São as cartilhas da série "Memórias de Nossas Lutas". O volume I, de 1991, chamado de "Habitando o Inabitável", tem um recorte temporal de 1974 a 1990, isto é, sobre as primeiras décadas de formação do Conjunto Palmeiras. O volume II, de 1997, chamado de "O canal de drenagem: um povo que se organiza e busca parcerias", retrata o que chamam de o momento da urbanização do bairro em que foi construído com gestão dos moradores um canal de drenagem. A última é a publicação, em 2014, de uma autobiografia de João Joaquim de Melo Neto Segundo, que sob seu olhar, relata a constituição do Conjunto Palmeiras no ano em que fazia 40 anos de existência.

A UNIDADE NO MOVIMENTO POPULAR: UM MODELO PEDAGÓGICO

Desde 1974 foram muitas as situações adversas enfrentadas no Conjunto Palmeiras. A chegada de moradores, removidos de toda a cidade de Fortaleza, somada à imigração de sertanejos, logo provocou um inchamento populacional na região. As primeiras reivindicações e cobranças ao poder público não demoraram. A situação era de calamidade para sobreviver no local sem infraestrutura suficiente para abrigar tanta gente. Outras situações ainda pioravam a sobrevivência em virtude das variações climáticas, ora provocando enchentes e desabrigando aqueles que ficavam perto de rios e lagoas, ora vivendo períodos de estiagem, com falta de água potável para beber e cozinhar. Os chafarizes construídos pela Fundação de Serviço Social de Fortaleza para o abastecimento de água à população nem sempre funcionavam, sendo necessário, muitas vezes, comprar água de carroceiros.

A organização popular foi essencial para que esses serviços básicos aos direitos humanos fossem conquistados na década de 1980. Muitos deles são, orgulhosamente, lembrados por essa população, que, por causa da mobilização, passou a visualizar as conquistas.

Eu sei que qualquer coisinha aqui nós lotava dois, três ônibus [...]. Nós fomos conquistando e o povo acreditando que o povo organizado conseguia as coisas. Nós conseguimos primeiro a energia, pra o restante, que já foi habitando, pra o restante, em oitenta e um já tinha muitas casas aqui e nós conseguimos energia (BRITO, 2016, não paginado).

Desse modo, muitas instituições, grupos organizados e associações surgiram no Conjunto Palmeiras para somarem-se às lutas locais. Entre elas, a mais antiga, foi a associação de moradores do Conjunto Palmeiras (ASMOCONP) instituída em 1981. A associação teve um papel fundamental nesse processo: era o local de reunião, discussão e mobilização da população. Servia como ponto de apoio de união dessas pessoas em torno do projeto de um bairro melhor. Esse sentimento de unidade, que se foi gestando no bairro nessas duas primeiras décadas, tem seu

ápice com a formação em 1991 da União das Associações e Grupos Organizados do Conjunto Palmeiras (UAGOCONP). O objetivo dessa unidade era pensar e agir juntos em prol das ações para a melhoria de forma mais racionalizada e com a participação das mais variadas entidades, que ia desde a própria a associação de moradores até a parceria com os membros da Igreja Católica e escolas do Conjunto Palmeiras.

Sob esse ambiente de unidade, a publicação da primeira cartilha da série Memória de nossas lutas pode ser inserida. O projeto de sua criação teve como ponto fundamental a participação de João Joaquim no curso de pesquisadores populares realizado pela escola de planejamento urbano e pesquisa popular, coordenada pela Organização Não Governamental (ONG) Cearah Periferia. Como trabalho final, propôs-se a produzir um material que compusesse a história do Conjunto Palmeiras. Para isso utilizou como metodologia a linha de vida, no qual reunia os moradores para que eles contassem o que lembravam sobre a sua vida no conjunto. Dali, o que era bom ou o que era considerado ruim, foi destacado no mural para depois ser selecionado para compor a cartilha.

É importante ressaltar que esse movimento de busca de lembranças sobre o bairro é um momento importante para se discutir a consolidação de uma experiência. Pois, como afirma Ricoeur (2007), esse tipo de trabalho é uma forma de combate ao esquecimento. E era isso que se desejava ao criar essa cartilha, trazer à luz momentos que ganhariam destaque ao falar sobre a história do Conjunto Palmeiras. A memória, nesse sentido, passou a ser utilizada para construir elementos que dessem sentido a uma narrativa sobre os primeiros anos do Conjunto Palmeiras, mas, sobretudo, dispôs os elementos que deveriam servir nos jogos de lembrança e esquecimento e, assim, constituir lugares que passaram a ser visitados e revisitados na experiência coletiva, dando significados específicos de acordo com o presente envolvido. Como afirma Nora:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres,

notoriar atas, porque essas operações não são naturais (1993, p. 13).

Assim, estabelece-se um movimento que passa a ser comum no bairro: o trato da sua memória e o estabelecimento de uma narrativa sobre a sua história, pois

a função fundamental da memória, por conseguinte, não é preservar o passado, mas sim adaptá-lo a fim de enriquecer e manipular o presente. Longe de simplesmente prender-se a experiências anteriores, a memória nos ajuda a entendê-las. Lembranças não são reflexões prontas do passado, mas reconstruções ecléticas, seletivas, baseadas em ações e percepções posteriores e em códigos que são constantemente alterados, através dos quais delineamos, simbolizamos e classificamos o mundo à nossa volta (LOWENTHAL, 1998, p. 103).

Desse modo, o que notamos em relação à primeira cartilha é a utilização das lembranças que esses moradores expressaram, a partir da metodologia empregada em sua produção, para dispor elementos em torno de uma mensagem que foi fundamental naquela ocasião. Dispondo de ilustrações, fotografias, falas de uma peça de teatro sobre o bairro e reflexões, o sentido impregnado na cartilha procurou evidenciar o caráter coletivo de constituição do bairro. As dificuldades com a transferência dos moradores a uma região precária, passando pelos primeiros focos de organização e o período do que é chamado na publicação de as “Grandes Lutas” são etapas selecionadas na composição da publicação. Uma evidência importante nesse momento são as perguntas que vêm ao longo de todo o documento. Questionamentos que buscam atingir a quem ler, em uma clara referência à necessidade de ensinar às futuras gerações com memórias ali presentes. Em uma dessas reflexões, após várias conquistas ressaltadas na cartilha, é perguntado ao leitor sobre o que quer dizer Habitando o Inabitável ou se Conjunto Palmeiras hoje é habitável. Em outro momento, já no final do documento, uma nova interrogação: “Você faz parte de algum movimento: sindical, de igreja, de moradores, de mães, de arte?” (BODINEAUX; MENEZES; SEGUNDO, 1991, p. 34). É, portanto, o desejo do bom uso dessa memória, como ressalta Ricoeur:

Aprender é, para cada geração, fazer economia, como sugerimos acima, do esforço exaustivo de reaprender tudo a cada vez. Foi assim que, nas comunidades cristãs, aprendemos, por muito tempo, a recitar o catecismo. Mas foi assim que foram ensinadas as regras da escrita correta – ah! o ditado! -, mais as da gramática e da aritmética. E ainda é do mesmo modo que aprendemos os rudimentos de uma língua morta ou de uma língua estrangeira – ah! as declinações e as conjugações gregas e latinas! Ainda crianças, aprendemos parlendas e estribos; depois, fábulas e poemas; nesse aspecto, não fomos longe demais na guerra contra o “decorado”? [...] Mas o “decorado” não é apanágio unicamente da escola de outrora. Muitos profissionais – médicos, juristas, cientistas, engenheiros, docentes, etc – recorreram durante a sua vida, a uma copiosa memorização de habilidades apoiados em repertórios, listas de itens protocolos, mantidos disponíveis para uma atualização oportuna. Todos, supostamente, dispõem de uma memória exercitada (2007, p. 75).

O que notamos, nesse sentido, é que a utilização da memória para a constituição de uma narrativa sobre os primeiros anos do Conjunto Palmeiras procurou estabelecer elementos que pudessem servir para conscientizar as futuras gerações de como seus moradores conseguiram transformá-lo em um local possível de viver, apesar de tantas adversidades encontradas no começo. É uma clara mensagem pedagógica na medida em que utiliza o passado selecionado para se tornar referência às futuras ações. Ou seja, por meio da unidade entre grupos e associações, pois, acima de qualquer trabalho individual, esse primeiro volume da série “Memória de nossas lutas” busca ressaltar que só foram possíveis as conquistas porque havia naquela ocasião um desejo uno de que era preciso melhorar a vida de todos. Portanto, o trabalho com essa memória tinha um aspecto importante nesse momento.

No campo da cultura, a ênfase é sobre o significado atribuído ao passado, de acordo com o quadro interpretativo e códigos culturais que permitem interpretar - de forma racional, planejada, mas também em práticas simbólicas e performativas de atores que, mais do que representar ou lembrar, apropriam-se e colocam elementos do passado em ação (JELIN, 2002, p. 121, tradução nossa).

Isso posto, a narrativa do primeiro volume da cartilha serviu para que a experiência desses moradores que vivenciaram e agiram em torno de um projeto de bairro pudesse ser compartilhada entre eles mesmos, mas, sobretudo, para as gerações seguintes se inspirarem a fim de continuarem lutando. Como resultado desses primeiros anos, haviam sido conquistados: água encanada, energia elétrica, transporte público, escolas, mais moradias para as pessoas que continuavam chegando. Conquistas que deveriam ser lembradas a serviço do futuro do Conjunto Palmeiras.

AS CONQUISTAS NEGOCIADAS: ASCENSÃO INSTITUCIONAL E AGENCIAMENTO DE UMA MEMÓRIA

Diante disso, o Conjunto Palmeiras ainda estava longe de ser o ideal de um bairro salubre para viver, muitos problemas iniciais ainda assolavam a população que a cada dia crescia.⁴ Desse modo, a mensagem explícita na primeira cartilha é uma clara noção de que as lutas pela melhoria do bairro não haviam acabado, pois ainda tinha muito o que fazer. É essa a mensagem que o segundo volume da série tenta comunicar. Como resultado dos trabalhos que envolveram a formação de uma parceria entre as entidades do bairro, o poder público e a ajuda não governamental vinda do exterior, foi possível a construção de um projeto de canal de drenagem para o combate às frequentes enchentes que deixavam muitos moradores desabrigados. A parceria envolveu uma mobilização de saberes que, em muitos momentos, desafiaram os moradores envolvidos.

Eu penso que hoje ninguém pode ser radical. A gente tem que ir ocupando espaços, sendo inteligente. No Prorrenda a comunidade foi esperta e soube se organizar. Fizemos amizade com os técnicos e saibamos [sic] o momento certo de fazer nossas propostas. Tinha vez que a gente perdia, tinha vez que ganhava. O importante era garantir que o poder de decisão ficasse com o Conselho Local. (SEGUNDO, 1998, p. 16)

⁴ Em 1998 a população do Conjunto Palmeiras era de 19.000 habitantes e 90% dela desenvolvendo trabalhos informais (PLANO..., 1998).

O projeto, chamado de PRORENDA⁵, envolveu prefeitura de Fortaleza, governo do Estado do Ceará, a GTZ e a ASMOCONP (entidade oficial representativa). Dessa parceria, destaca-se a concepção coletiva de gerenciamento do projeto. Apesar de, oficialmente, a associação de moradores ser a responsável por gerir os recursos e o andamento da obra, todas as decisões passavam antes por um conselho local com representações da União das Associações e Grupos Organizados do Conjunto Palmeiras (UAGOCONP). Desse modo, mesmo sem ter experiências em gerir grandes recursos ou lidar com um ambiente de obra, que envolvia o pagamento, contratação de trabalhadores e planejamento, a narrativa presente na cartilha, como modelo de exaltação a esse tipo de trabalho, preservou a capacidade empreendedora dos envolvidos. Em resumo, indivíduos que não tinham saberes especializados lidavam de igual para igual com engenheiros, arquitetos e, assim, se colocavam à frente na condução dos trabalhos, pois era isso que importava, a melhoria do bairro.

Esses saberes aprendidos no cotidiano da vida por esses moradores são considerados por Carvalho (1996) como uma verdadeira escola da vida. A autora, ao estudar a formação de algumas lideranças no bairro, revela os vários locais e as experiências pelas quais esses sujeitos passaram e que os ajudaram a aprender em situações diversas. Essa noção de aprendizado é um dos pontos em destaque da narrativa da cartilha e, até mesmo, destacado em momentos de rememoração de seus moradores. Dois depoimentos corroboram isso.

⁵ Segundo Valente (2010), o programa está no Brasil desde a década de oitenta e busca fazer parcerias com regiões carentes para promover o desenvolvimento da cidadania dos seus indivíduos a partir da melhoria dos seus serviços básicos e o incentivo à autogestão. O responsável pelo programa externamente foi Cooperação de Apoio Técnico Alemã (GTZ), instituição de pessoa jurídica, na forma de uma sociedade limitada, sendo uma empresa pública com direitos privados, que tem como único sócio o governo alemão. Tem como função primeira o apoio a projetos públicos orientados pelo governo alemão e tem como clientes a União Europeia, Banco Interamericano de Desenvolvimento e agências das Nações Unidas. No Brasil, está presente desde 1963, quando houve a assinatura do acordo básico de cooperação técnica Brasil e Alemanha. A área de atuação da GTZ compõe todo o Brasil, em projetos que visam, hoje, dois eixos: Desenvolvimento Regional Integrado em áreas menos favorecidas e Proteção Ambiental e Manejo de Recursos Naturais. O primeiro, hoje, se divide em programa PRORENDA (que a partir de 2002 passou a se chamar de Desenvolvimento Local Integrado Sustentado) e programa indústria, para o aumento da produção e competitividade de pequenas e médias empresas.

Aprendi muito na parte do planejamento e execução de recursos. Amadureci muito na relação com o movimento comunitário, suas contradições, incompreensões e desafios. Quando saí do projeto fui trabalhar na administração de uma pequena empresa do bairro. (SEGUNDO, 1998, p. 20).

Assim, porque nos nunca tinha administrado grandes valores e o projeto prorenda, na época, nos ensinou *muito* como administrar. Eu, hoje, eu faço uma prestação de contas, seja ela do que valor que seja, não me preocupo. Eu pego o extrato de banco, faço transferência na prestação de contas, dou baixa, faço tudo. [...] o projeto PRORENDA, eu aprendi muito. Eu fiz parte de umas das diretorias sendo presidente na época do PRORENDA (BRITO, 2016, não paginado, grifo nosso).

O primeiro depoimento, retirado do segundo volume da série e o segundo, extraído a partir da história oral, dezenove anos depois, evidenciam um lapso temporal do impacto que esse momento legou à vida dessas pessoas. Marinete, hoje, é diretora financeira da associação de moradores, estudou até a terceira série do ensino fundamental e compreende o quão importante foi esse trabalho para a sua vida e de outros moradores.

Quando recordamos, elaboramos uma representação de nós próprios para nós próprios e para aqueles que nos rodeiam. Na medida em que nossa “natureza” - o que realmente somos – se pode revelar de modo articulado, somos aquilo de que nos lembramos. Sendo assim, então um estudo da maneira como nos lembramos – a maneira como nos apresentamos nas nossas memórias, a maneira como definimos as nossas identidades pessoais e coletivas através das nossas memórias, a maneira como ordenamos e estruturamos as nossas ideias nas nossas memórias e maneiras como transmitimos essas memórias a outros – é o estudo da maneira como somos (FENTRESS; WICKHAM, 1992, p. 20).

O fato de ela expressar essa concepção, ao recordar esse momento, denota o que os autores indicam, a elaboração de uma imagem sobre si que desejaram expor. Dessa maneira, e não menos importante, essa imagem destacada em sua fala coaduna com a do depoimento da cartilha, na qual ela esteve diretamente envolvida na sua elaboração. É uma relação intrínseca entre a experiência vivida e a mensagem que se desejou forjar sobre esse momento do Conjunto Palmeiras. A

participação dos moradores em uma obra daquela envergadura não transformou apenas as condições materiais locais, mas possibilitou aos representantes envolvidos adquirirem conhecimentos necessários às lutas do bairro que servem até hoje.

A cartilha, embora traga uma relação com a noção de gerenciamento coletivo por parte das entidades envolvidas, destaca a associação dos moradores como entidade promotora dos beneméritos ao bairro. Isso fica claro, pois em nenhum fragmento dela, como evidencia o primeiro volume, há a citação das outras, ou dos representantes de grupos ou entidades envolvidas no projeto do canal. Sobre isso, cabe refletir que, apesar de a noção de coletividade estar expressa em boa parte da narrativa do documento, há a tentativa de exaltação institucional da ASMOCNP, tornando-a a grande responsável pelo projeto. Portanto, é uma publicação direcionada a dar uma resposta à população sobre a responsabilidade daquelas melhorias. Sobre isso, chama atenção que, com a necessidade de exaltação institucional e do trabalho em torno da obra do canal, toda a atenção se voltou para esse empreendimento, deixando silenciado outros atores e ações promotoras do Conjunto Palmeiras.

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor [...]. Conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto [...]. E essas constatações se aplicam a toda forma de memória, individual e coletiva, familiar, nacional e de pequenos grupos (POLLAK, 1989, p. 08-09).

Apesar de Michel Pollak constituir sua análise em relação uma composição entre grupos que durante tempos ficaram de fora das constituições narrativas oficiais, produzidas pelos grandes meios de comunicação e/ou o Estado, pode-se notar que a tentativa de ordenamento da memória supõe uma relação próxima com a necessidade de uma estabilidade para as versões. Isso ocorre porque o que se

deseja, em se tratando de narrativas que procuraram contar versões coletivas, é na realidade, a constituição de uma identidade comum para os grupos que elas comunicam. Como afirma Le Goff: a memória como “um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e da sociedade de hoje” (2012, p. 455).

É nesse sentido que a consolidação de uma narrativa mobiliza recursos em torno de uma mensagem que se desejava transmitir, pois, à medida que exalta certas experiências, acaba por ajudar no aprofundamento o silêncio de outras. Desse modo, evidencia-se uma mudança no modelo de lutas, que denotou a própria concepção de como o bairro deveria se organizar para conquistar benefícios a seu favor. Não mais as reivindicações de rua, mas, agora, o gerenciamento e as negociações.

Teve um momento em que o movimento parou e ficou esperando que tudo viesse do projeto. Às vezes ficávamos discutindo só o canal, esquecendo as outras bandeiras de luta, com a educação, saúde, etc. foi preciso reclamar dos companheiros para que retomasse as lutas de antes (SEGUNDO, 1998, p. 17).

Em resumo, a criação do segundo volume da série “Memória de nossas lutas” revela que os recursos mobilizados e liderados pela ASMOCNP na reivindicação de melhorias para o bairro não se faziam mais por meio das grandes mobilizações, que foram tema e motivo de orgulho na narrativa do primeiro volume e que, inclusive, ajudaram a formar e a consolidar os grupos organizados do bairro e suas respectivas lideranças. Isso, no entanto, não quer dizer que não havia outros sujeitos mobilizados ainda dessa forma, ao estilo das lutas populares das primeiras décadas. Muito pelo contrário. O depoimento evidencia, na realidade, a direção pela qual as lideranças envolvidas nesse projeto, através da associação de moradores resolveram seguir, mas não expressa como outros sujeitos, não relacionados a esse projeto, compreendiam o modelo de luta. Essa cartilha representa, portanto, um modelo de agenciamento da memória cuja preocupação é preservar uma experiência que, ao final, constitui uma exaltação à imagem da associação de moradores pelo feito da obra.

ENTRE O INDIVIDUAL E O COLETIVO: A NARRATIVA SOB O PONTO DE VISTA AUTOBIOGRÁFICO

A última experiência que destacamos é o lançamento da autobiografia “Viva Favela”, de João Joaquim de Melo Neto Segundo (no Brasil), quando o bairro completou 40 anos. O autor chegou ao Conjunto Palmeiras em 1984, vindo de Belém do Pará. Sua experiência como seminarista fez com que chegasse ao bairro para que pudesse trabalhar com a população local, desenvolvendo atividades litúrgicas sob a ótica dos mais pobres. Afinal, veio para participar de um projeto do arcebispo de Fortaleza, Dom Aloísio Lorscheider, denominado Padres da favela. Desde lá, desenvolveu atividades que o transformaram em mais um componente no desenvolvimento das lutas populares locais. Durante esses anos, ajudou nas lutas, trabalhou em projetos importantes como a primeira cartilha a que demos destaque, participou na gestão da obra do canal de drenagem e idealizou o banco Palmas, o primeiro banco comunitário do Brasil⁶.

Foi a experiência com o banco, a partir da sua expansão, que vai torná-lo um dos interlocutores mais conhecidos do Conjunto Palmeiras. A instituição que nasce em 1998 e começa a se expandir a partir de 2003, quando vira instituto Palmas, uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), passa a ser uma experiência imitada em vários locais do Brasil e do mundo. Joaquim, diretor da instituição, dá consultorias para que em outras localidades também seja possível implantar a ideia. A tentativa de despertar o interesse e mobilizar outras localidades a poder criar um banco comunitário é feita por meio da própria experiência vivida nos anos anteriores no Conjunto Palmeiras. A referência principal é a memória do bairro, narrada e selecionada a fim de servir àquele presente vivido que o faz dar sentido ao passado. Desse modo, o seu livro, que, na realidade, foi publicado primeiramente na França, como uma forma de comunicar ao mundo a experiência

⁶ A ideia de um banco comunitário foi forjada para combater a pobreza local. O banco Palmas foi criado para que pudesse incentivar os moradores do Conjunto Palmeiras a desenvolver atividades que pudessem relacionar-se com a circulação comercial internamente. Assim, um dos objetivos era a realização de empréstimos para comerciantes locais com a finalidade de expandir ou criar seu próprio negócio, enquanto os consumidores poderiam também pegar emprestado para comprar internamente.

sob seu olhar, tem a versão brasileira como uma grande narrativa do ponto de vista individual sobre uma memória coletiva. Isso é importante porque em “realidade nunca estamos sós. Não é necessário que os outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem” (HALBWACHS, 1990, p. 26). Essa asserção, provoca-nos a perceber que o olhar de Joaquim traz consigo outros olhares, condensados sob seu ponto de vista e que faz com que ele, ao ganhar essa notoriedade, acabe revelando uma certa autoridade em falar por tantos outros ao narrar o Conjunto Palmeiras.

Essas pessoas que contam para nós e para as quais contamos, estão situadas numa faixa de variação das distâncias na relação entre o si e os outros [...]. Assim a proximidade seria a réplica da amizade, dessa *philia*, celebrada pelos Antigos, a meio caminho entre o indivíduo solitário e o cidadão definido pela sua contribuição à *politeia*, à vida e à ação da *polis* (RICOEUR, 2007, p. 141-142).

Joaquim não conta a relação do Conjunto Palmeiras em seu livro a partir da sua chegada, apenas. Traz, em sua narrativa, experiências de outros moradores que chegaram bem antes dele, contando acerca dos eventos do bairro a partir dessas histórias pessoais, como se dissesse que sem eles não era possível contá-la. Assim, coloca-se como um sujeito que passa a aprender com essas outras pessoas o que era aquele local que chegou como seminarista⁷, após 10 anos de sua fundação.

Dia após dia, descubro esses homens e essas mulheres que são o coração da favela. Cruzo com Manoel na igreja, vejo Augusto na cooperativa funerária quando vou combinar os detalhes de enterros, encontro Marinete na associação dos moradores à qual ela pertence. Encontro também Dorinha, uma mulher morena, alegre, que gosta da música e instalou-se no bairro como uma religiosa aprendiz (MELO, 2014, p. 56).

⁷ Joaquim não chegou a tornar-se padre. Largou a batina para vivenciar as lutas populares do Conjunto Palmeiras.

Diante disso, podemos refletir sobre a autobiografia de Joaquim a partir da constituição de uma narrativa que busca, sobretudo, comunicar experiência com um novo elemento, do qual ele se coloca como um dos principais entusiastas, o banco. O livro é dividido em dois grandes momentos, seccionado em cinco partes, balizado pela ideia do antes e do depois da criação do Conjunto Palmeiras. Essa referência é importante porque a própria noção de criação do banco só é possível somente por causa do passado e dos aprendizados que legaram a eles importantes saberes, ajudando-os a lidar com esses novos desafios.

Em 2008, concedemos 910 empréstimos para produção e 1.200 para o consumo. Nossas dependências não têm nada a ver com aquelas do começo. No salão do banco, aberto de segunda a sábado, os moradores esperam para serem recebidos pelo caixa ou consultar os anúncios de emprego no computador ligado à rede nacional. Em um canto, a televisão difunde permanentemente as notícias ou a última telenovela. As pessoas aguardam sua vez nas caixas de plástico. Na parede em frente, uma vasta maquete – versão em miniatura das casas e ruas do bairro – lembra que este lugar é o fruto de uma longa história, que começou nos anos 1970. Em cima, um cartaz repete o slogan que nos acompanhou todos esses anos e que, para nós, quer dizer muitos: “Deus criou o mundo, nós construímos o Conjunto Palmeiras” (MELO, 2014, p. 240, grifo do autor).

Ao publicar a sua autobiografia, Joaquim constitui não apenas a imagem de si, mas ajuda a compor uma imagem para o bairro. Essa coaduna com as vitórias que foram conquistadas, sobretudo pelo sucesso do empreendimento financeiro que legou ao Conjunto Palmeiras fama nacional e internacional ao comunicar essa experiência. Por isso, segundo Artière (1998), a análise de documentos como esse que tratam de uma escrita de si, deve levar em consideração que são textos que buscam publicizar uma vida racionalmente organizada para que um público leitor autorizado, ou não, possa acessá-lo. Isto é, “trata-se, não de perseguir o indizível, não de revelar o que está oculto, mas, pelo contrário, de captar o já dito: reunir aquilo que se pôde ouvir ou ler, e isto com uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si” (FOUCAULT, 1992, p. 131). Como afirma Calligaris (1998), a autobiografia é, sobretudo, uma forma subjetiva de um indivíduo constituir uma

noção de realidade a partir do que se fala ou se escreve. Há, portanto, uma intenção de sinceridade que não tem relação com a verdade sobre os fatos, mas com uma noção de que o autor se coloca como um editor da própria vida. No caso de Joaquim, ele não apenas edita a si mesmo, ele se propõe também a falar por si e por outros, editando, compondo e narrando uma versão sobre a formação do Conjunto Palmeiras, cujos eventos e protagonistas são elencados, racionalmente, por ele e dão sentido a um bairro que é interpretado sob um olhar e interesses institucionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando Andreas Huyssen (2000) considera o descolamento das preocupações das sociedades de um futuro presente para um passado presente, ressalta, principalmente, a emergência de uma cultura da memória que ganha relevância a partir da década de 1980, sobretudo, nos Estados Unidos e na Europa, impulsionados pelo debate sobre o Holocausto, a queda do muro de Berlim e a unificação alemã. Tais retornos evidenciam o que Hartog (2014) nos alerta de um passado que não passa, ou, na realidade, de uma mudança no nosso regime de historicidade, em que o presente reina absoluto desde a segunda metade do século XX. Mas para Huyssen, outro sintoma parece ainda mais evidenciar esses tempos atuais: a musealização do mundo. “É como se o objetivo fosse a recordação total” (HUYSSSEN, 2000, p. 15).

Diante disso, é possível notar que a relevância que os usos da memória assumem na nossa contemporaneidade revelam formas de apropriações cada vez mais frequentes por diversos grupos, demonstrando seu caráter político e a forma como a sua utilização é realizada para legitimar poderes, contrastar ideias e/ou resistir contra o esquecimento, às vezes, gerenciado pelo próprio Estado. É mesmo um sintoma que merece atenção, pois segundo Huyssen (2000, p. 19-20) “a nossa cultura secular, obcecada com a memória, tal como ela é, está também de alguma maneira tomada por um medo, um terror mesmo do esquecimento”.

No que concerne aos usos da memória no Conjunto Palmeiras, não consideramos esse movimento como algo planejado desde a publicação da primeira cartilha. Percebemos que a utilização da memória como componente de combate ao esquecimento vai sendo percebida como um instrumento importante para as conquistas do bairro. Não era apenas a ideia de uma publicização do que havia conquistado, era, principalmente e a partir da segunda cartilha, a descoberta dela como instrumento na consolidação de nomes e instituições. Enquanto a primeira cartilha procurava estabelecer eventos e um sentido que fosse pedagógico à continuidade das lutas para a melhoria do bairro, consideramos o volume II e a publicação do “Viva Favela” como a expressão do uso da memória de forma mais consciente, isto é, elegendo uma narrativa que fosse, sobretudo, um combate a um possível esquecimento dos feitos, depois do fortalecimento, da ASMOCONP e do Instituto Palmas.

Ademais, as três publicações evidenciam a memória para servir aos interesses daquele presente vivido no bairro. É uma condição que esses sujeitos envolvidos nas reivindicações para a melhoria do bairro buscaram para a mudança, não apenas material de onde viviam, mas usaram-na. Como afirma Jelin (2002), para que houvesse uma transformação simbólica e uma construção de sentidos sobre o passado. Que pudesse mudar a si mesmo e o mundo em que viviam por meio do trabalho com essa memória. Desse modo, a constituição de narrativas sobre suas experiências é, na realidade, a expressão de cada momento vivido por esses moradores evidenciando as primeiras vitórias e como elas legaram importantes ensinamentos para que se tornassem empreendedores (com suas várias interpretações). Nesse sentido, as narrativas colaboram na composição de uma temporalidade⁸ própria que ajuda na consolidação de uma imagem sobre o Conjunto Palmeiras, expressa na justificativa do decreto-lei que o tornou

⁸ Para Ricoeur: “o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal” (1997, p. 85, grifo do autor). Em outras palavras, ele permite que possamos refletir sobre a ideia de que há na produção de toda narrativa a condição de uma temporalidade própria que se articula com o vivido, seja partindo dele, transformando-se (ou como prefere afirmar configurando-se) e retornando a esse vivido. É o que denomina de círculo hermenêutico.

oficialmente bairro de Fortaleza em 2007: “O Conjunto Palmeiras iniciou-se sem qualquer infraestrutura [...] por conta da garra e perseverança dos moradores [...] hoje é uma realidade, destacando como uma comunidade promissora e cumpridora de sua função social” (FORTALEZA, 2007, p. 05). Tal afirmação usada para torná-lo, oficialmente, um bairro da capital cearense revela, entre outras coisas, como a mobilização dessas narrativas contribuiu na noção de Conjunto Palmeiras que se desejou constituir ao longo dos anos.

REFERÊNCIAS

- AO HOMEM, é sempre agradável. **Tribuna do Ceará**, Fortaleza, 2 Jan. 1971. Dever Cumprido, p. 3.
- ARTIÈRE, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 9-34, 1998.
- BODINEAUX, Pascale; MENEZES, Ruy Abitbol; SEGUNDO, João Joaquim de Melo Neto. **Favela do Conjunto Palmeiras**: habitando o inabitável. Fortaleza, Ceará: ASMOCONP, 1991. (Memórias de nossas lutas, v. 1).
- BRITO, Manoel Evangelista. Lendas de poesia: minha história, nossa história. **Jornal Grande Bairro**, Fortaleza, [200-?].
- BRITO, Marinete de Lima. **Entrevista I** (Ago. 2016). Entrevistador: RABELO, Cristiano Rodrigues. Fortaleza-CE: UECE: 2016. 1 Arquivos. Mp3 (01h19min).
- CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 43- 58, 1998.
- CARVALHO, Sandra Maria Gadelha de. **A escola da vida nas lutas do bairro**. 1996. 243 p. Dissertação (Mestrado)—Programa de Pós-graduação em Educação, Departamento de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1996.
- FORTALEZA. Decreto-Lei Número 290 de 13 de Novembro de 2007. Denomina o Conjunto Palmeiras um novo bairro no município de Fortaleza na forma que indica. **Diário Oficial do Município de Fortaleza**. Fortaleza, CE, 13 nov. 2007, p. 05.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992.
- FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memória Social**. Lisboa: Teorema, 1992.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HARTOG, François. **Regime de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. 2 ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Madri: Spaña Editores: Século XXI, 2002.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 6 ed. Campinas, SP: Unicamp, 2012.

- LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. **Projeto História**, São Paulo, n. 17, p. 63-201, Novembro, 1998.
- MELO, Joaquim. [**Palestra de Joaquim de Melo - Banco Palmas - disponibilizada em 25 de novembro de 2008, na internet**]. 2008. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rr6jPfv8M>>. Acesso em: 10 out. 2015.
- MELO, Joaquim. **Viva favela: os pobres assumem seu próprio destino**. São Paulo: Ideias e Letras, 2014.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, Dezembro, 1993.
- POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento e Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3. p. 3-15, 1989.
- PLANO, de desenvolvimento Comunitário Integrado. [**dados socioeconômicos e geográficos sobre o Conjunto Palmeiras**]. [Fortaleza: s.n.], [1998?]. 41 p.
- RICOEUR, Paul. Memória e Imaginação. In: RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2007.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Tomo III. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1997.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SEGUNDO, João Joaquim de Melo Neto. **Favela do Conjunto Palmeiras: o canal de drenagem, a história de um povo que se organiza, busca parcerias e urbaniza seu bairro**. Fortaleza, Ceará: ASMOCONP, 1998. (Memórias de nossas lutas, v. 2).
- SOUZA, Maria Salete de. Análise da estrutura urbana. In: DANTAS, Eustógio Wanderley Correia; SILVA, José Borzacchiolo da; COSTA, Maria Clélia Lustosa. **De cidade à metrópole: (trans) formações urbanas em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.
- TODOROV, Tzvetan. **Los Abusos de la memoria**. Barcelona: Paidós, 2000.
- VALENTE, Renata Curcio. **A GTZ no Brasil: uma etnografia da cooperação alemã para o desenvolvimento**. Rio de Janeiro: E-pappers: UFRJ: LACED, 2010.

SOBRE O AUTOR

Cristiano Rodrigues Rabelo

Professor de história da educação básica (SEDUC-CE) e mestrando do Programa de Pós-graduação em História e Culturas. Universidade Estadual do Ceará (MAHIS-UECE)